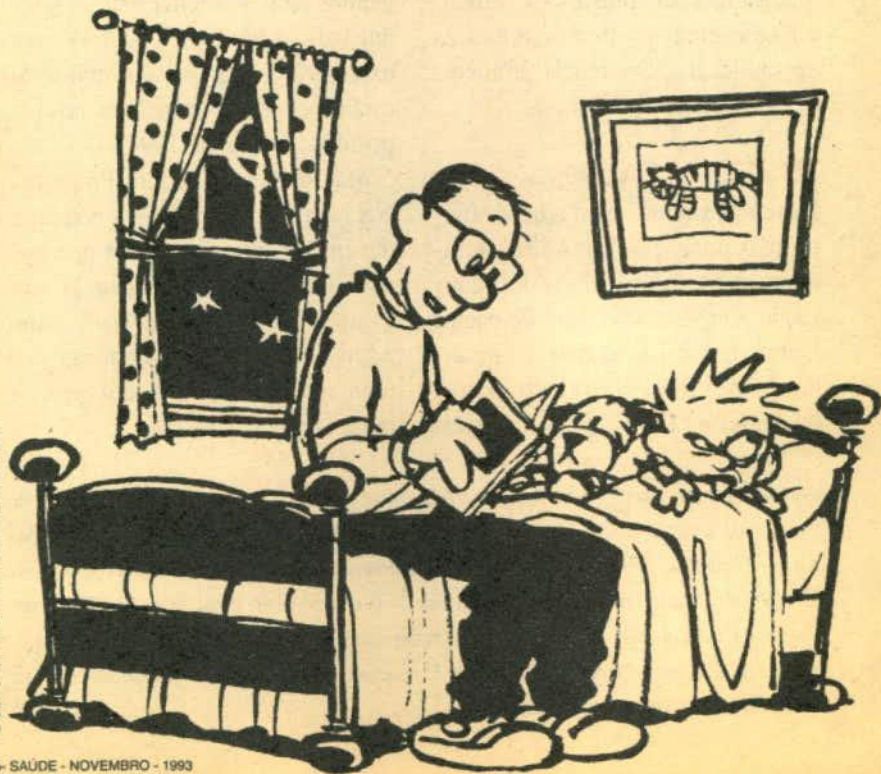


Síndrome do

PESTINKA

Por trás das chamadas "crianças impossíveis", aquelas que não param quietas em casa e na escola, pode esconder-se um distúrbio curável conhecido como hiperatividade. Saiba como identificar o mal e tratar das pequenas vítimas da alta-voltagem.

Lina de Albuquerque





Um simpático garotinho de 6 anos já acorda a mil por hora. Improvisa uma capa de Super-Homem, provavelmente com um lenço da mãe, e prepara-se para começar a fazer suas estripulias. Mundo, segure-se: lá vem ele!



O *pestinha* — à essa altura dá para chamá-lo de outra forma? — agora decidiu provocar um maremoto na banheira. Joga água para frente e para trás até os pais se darem conta de que o banheiro tornou-se a nascente de uma catarata.



A mesma criança remexe as gavetas do quarto do pai e minutos depois já está correndo pela sala com as meias presas nas orelhas e no nariz. Cansado de imitar um elefante, ele resolve passar cola no cabelo para parecer um extraterrestre.



Na hora de dormir ninguém ainda conseguiu desligá-lo da tomada. Ele pula sobre o colchão e até pede para o seu tigre de estimação tocar uma corneta — tudo para afastar um monstinho imaginário que se esconde embaixo da cama.

O autor das bravatas descritas na página anterior felizmente não passa de um personagem de bracinhos magros e cabelos arrepiados, batizado de *Calvin* e saído da pena do americano Bill Waterson, atualmente considerado uma espécie de filósofo do mundo dos quadrinhos. Entretanto, se Calvin fosse de carne e osso, provavelmente seus pais — jovens e instruídos americanos de classe média — já o teriam arastado ao consultório de um profissional de saúde preocupados com a paz familiar.

O capeta criado por Waterson poderia perfeitamente ser um sério candidato a desenvolver um distúrbio conhecido como *hiperatividade*. Trata-se de uma doença curável, que atinge os meninos duas vezes mais que as meninas e geralmente se concentra na faixa etária anterior aos 7 anos de idade, desaparecendo depois. O quadro clínico é formado pelo quarteto da agitação, falta de atenção, impulsividade e ansiedade. Quatro características de um hiperativo.

O MEDIDOR DE VOLTAGEM

É difícil não desesperar-se diante de crianças que, a exemplo de Calvin, já tentaram andar de velocípede no telhado, quase tocaram fogo na casa

e às vezes assistem à televisão plantando bananeira. Quem não conhece crianças elétricas? Não é justo que todas elas recebam o carimbo de hiperativas. Para saber, no entanto, se ela realmente sofre desse distúrbio, é necessário submetê-la a um diagnóstico criterioso e realizado por especialistas. Importante: essa tarefa compete ao psiquiatra, psicólogo, neurologista, pediatra ou, ainda, a um neuropediatra.

Não dá para enquadrar um hiperativo valendo-se apenas da observação dos pais ou professores. Além do mais, o leigo muitas vezes comete o engano de ler a agitação de um hiperativo como esperteza ou, no terreno oposto, limitação. Atenção: esse distúrbio não tem nada a ver com o quociente intelectual. É simplesmente um sinal de que o acelerador da criança precisa de revisão — pois está fazendo o carro correr mais do que pode.

Para ajudar os médicos a identificar o portador do que foi cientificamente denominado de *distúrbio de hiperatividade com déficit de atenção* (DHDA), a Associação Americana de Psiquiatria criou, em 1987, um diagnóstico de vários itens. De acordo com ele, as vítimas dessa síndrome costumam se portar da seguinte maneira:

NÃO É JUSTO !



★ Falam exageradamente e escutam pouco.

★ Demonstram resistência com brincadeiras mais tranquilas.

★ Revelam incapacidade de concentração em atividades que requeiram atenção prolongada.

★ Distraem-se facilmente e têm dificuldade em concluir tarefas.

★ Mudam de uma atividade para outra muito rapidamente.

★ São desorganizadas e perdem objetos com frequência.

Há muito o que se esclarecer, ainda, em torno da “síndrome do pestinha”. O diagnóstico da Associação de Psiquiatria Americana não é aceito unanimemente por todos os médicos. Da mesma forma, a incidência de crianças hiperativas na população apontada pela associação — cerca de 20% — é considerado um dado impreciso. Outro ponto polêmico diz respeito à explicação neurofisiológica do distúrbio. Para receber o

rótulo de hiperativo é necessário haver algo de errado no cérebro? Não necessariamente. Mas alguns especialistas acreditam que o problema ocorra devido à baixa concentração no sistema nervoso de um neurotransmissor (substância encarregada de transmitir impulsos nervosos) conhecido por dopamina. Esse seria o motivo de certos hiperativos serem tratados com drogas psico-estimulantes, vulgarmente chamadas de “bolinhas” — como a anfetamina, a imipramina e o metilfenidato. Tais medicamentos podem produzir efeito paradoxal nos pacientes — acalmam em vez de excitar. Não é sempre que resolvem o problema.

ORIGEM EMOCIONAL

Uma combinação de fatores genéticos e ambientais. Essa pode ser a causa da hiperatividade. Muitas mães de hiperativos confirmaram que o filho se movimentava exageradamente dentro da barriga. Algumas tiveram parto prematuro e seus bebês revelaram-se agitados desde os primeiros dias de vida. No entanto, na opinião de Sal Cypel, professor livre-docente de neurologia infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), a maioria desses casos tem mesmo origem emocional.

Cypel chama a atenção para um componente importante muitas vezes associado à hiperatividade: a permissividade desmedida. Eis um pecado cometido principalmente quando o pai e a mãe da criança trabalham fora. Para compensar a culpa, cedem aos seus caprichos e criam um pequeno tirano dentro de casa. O perfil desses tipinhos é bem conhecido: geralmente são birrentos, chorões, irritadiços. Têm sono perturbado e agitado e dificuldade para adormecer se estão sozinhos no quarto. Querem colo a todo momento e solicitam permanentemente a atenção dos adultos. Em situações assim, o neuropediatra sugere aos pais algumas orientações básicas:

ASSIM, DO JANTAR ATÉ A HORA DE DORMIR AGORA É DESIGNADO COMO "HORA DA LIÇÃO".



- ★ Organize com critério as tarefas da criança a fim de que ela se habitue a efetuar cada coisa de uma só vez e na hora certa.

EU ORDENO QUE MINHA LIÇÃO SE FAÇA SOZINHA! LIÇÃO, FIQUE PRONTA!



- ★ Estabeleça horários e regras. E não ceda à chantagem do choro nem perca a autoridade, caso a criança se recuse a cumpri-los.

POSSO ANDAR DE VELOCÍPEDE NO TELHADO?

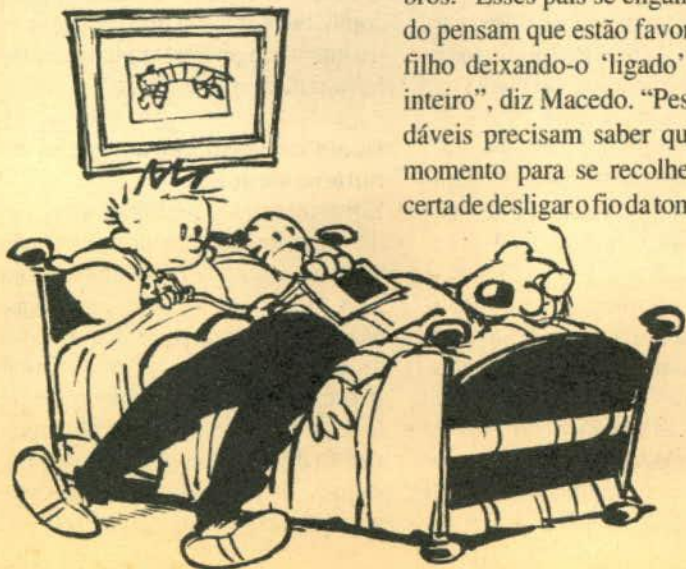
NÃO, CALVIN.



- ★ Deixe claro o que a criança pode e o que não pode fazer. Atualmente, sabe-se que a imposição de limites na infância — colocada na berlinda pelos movimentos sociais da década de 60 — é fundamental para a formação de adultos ajustados.

RESPOSTA AO MEIO

Realmente não é fácil a voltagem de uma criança hiperativa. O psicólogo Lino de Macedo, professor do Departamento de Psicologia Escolar da Universidade de São Paulo (USP) e especializado em psicologia da criança, nota que em grande parte dessas histórias, a hiperatividade nada mais é do que pura e simples reação a um meio hiperativo. Ou seja, os pequenos podem estar dando respostas, através de suas atitudes, à superestimulação recebida na escola ou em casa. Não raro os adultos transferem a sua ansiedade para os filhos — lotando as suas agendas com inumeráveis compromissos, por exemplo. Segundo os especialistas,



esse é o perfil de muitos pais que procuram os médicos por causa da agitação e do destempero dos filhos. Hiperatividade de quem?

Além disso, ao insistir numa linha de ensino mais participativa, algumas escolas alternativas acabaram por favorecer — e cobrar — excessivamente uma postura ativa do aluno. É claro que isso pode ser ótimo. Contudo, se os arranjos do ambiente agridem em demasia o ritmo natural de cada criança (a “velocidade” em questão provavelmente carrega tanto componentes de ordem social quanto biológico) então o efeito será danoso. De fato, há famílias incapazes de criar um ambiente de relaxamento e aconchego entre seus membros. “Esses pais se enganam quando pensam que estão favorecendo o filho deixando-o ‘ligado’ o tempo inteiro”, diz Macedo. “Pessoas saudáveis precisam saber quando é o momento para se recolher, a hora certa de desligar o fio da tomada.” ★